

Direito à Terra: Desafios do Quilombo Sacopã Frente à Especulação Imobiliária

Luiza Moreira Cabral¹

Liza Casemiro Cruz²

Ana Beatriz do Nascimento Oliveira³

RESUMO

Esse artigo analisa a trajetória de vida e luta do Quilombo Sacopã, localizado na ladeira Sacopã, no bairro da Lagoa, na cidade do Rio de Janeiro, por meio da figura de Luiz Sacopã, liderança da comunidade, a fim de fomentar uma discussão atual, necessária e urgente, ainda que frequentemente invisibilizada: a importância e os inúmeros desafios enfrentados para a preservação, valorização e resistência dos quilombos urbanos ainda hoje. Ao debater a ideia de territorialidade como parte essencial da valorização da ancestralidade negra e da memória coletiva, destaca-se o papel fundamental desempenhado pelos Sacopã e por outros aquilombamentos urbanos. Ao existirem e resistirem, essas comunidades não apenas mantêm vivas tradições e histórias afro-brasileiras, como também lembram à sociedade que todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica ou classe social, são dignos e merecem ter garantido o acesso pleno, justo e igualitário à cidade e a seus recursos. Frente a essa realidade desafiadora, surgem diversos empecilhos relacionados à especulação imobiliária desenfreada, ao racismo enraizado nas instituições e ao constante apagamento histórico e cultural. Esses fatores impactam profundamente o cotidiano do quilombo, gerando tensões, conflitos e ameaças que são analisadas, destrinchadas e refletidas ao longo deste estudo, que busca contribuir para a visibilidade e o fortalecimento dessas comunidades.

Palavras-chave: quilombo urbano; territorialidade; resistência.

ABSTRACT

This article observes and analyzes the trajectory of life, resistance, and ongoing struggle

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: casemiroaliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: ana.nrevilo@gmail.com

of Quilombo Sacopã, a traditional Afro-Brazilian community located on Ladeira Sacopã, in the Lagoa neighborhood of Rio de Janeiro. Through the perspective of Luiz Sacopã, the leader and representative figure of the community, the article aims to bring to light a current, urgent, and often overlooked discussion: the importance of preserving, protecting, and supporting the resistance of urban quilombos in today's society. As the debate unfolds, the concept of territory is emphasized as an essential element in the recognition and safeguarding of ancestry, identity, and collective memory. The Sacopã family, along with other urban quilombola communities, plays a crucial role in affirming that the right to the city and its spaces, opportunities, and resources is a right that belongs to all citizens, regardless of race, origin, or socioeconomic status. Their very existence becomes a form of resistance and a reminder of the dignity of historically marginalized populations. In this context, issues such as real estate speculation, structural racism, and the continuous historical erasure of black traditional communities emerge as key obstacles. These challenges that deeply affect the daily lives of the Sacopã in different ways are critically examined and discussed throughout this study.

Key words: urban quilombo; territory; resistance.

1. Apresentação

Este trabalho pretende, a partir da análise da trajetória de vida e luta do Quilombo Sacopã – protagonizada por seu líder Luiz Sacopã, que possui 50 anos de liderança e 83 anos de idade, destacar a importância da existência, resistência e preservação de quilombos urbanos, bem como os desafios enfrentados por essas comunidades perante à especulação imobiliária. A pesquisa pretende ainda discutir o papel fundamental da cultura quilombola como parte da cultura nacional, analisando a importância do território como parte intrínseca da identidade quilombola, reforçando também a crítica à especulação e suas estratégias de apagamento de diferentes formas de “ser brasileiro”.

Diante de um processo histórico de construção da cidade do Rio de Janeiro como é

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: ana.nrevilo@gmail.com

hoje, não se pode deixar passar os relatos dos territórios que foram sistematicamente removidos dos grandes centros em nome de um projeto de modernização urbana. É evidente que, apesar de não se apresentar explicitamente dessa forma, a chamada modernização deu continuidade à gentrificação do território, que mantém o essencial ao alcance dos ricos, e as populações mais vulneráveis às margens. Durante o período da ditadura militar no Brasil, o processo de remoção de favelas e comunidades tradicionais de lugares economicamente valorizados no Rio de Janeiro, como a Zona Sul, se intensificou de modo que, atualmente, só os Sacopã mantiveram seu espaço nessa região. O Quilombo Sacopã, localizado no bairro Lagoa, é, portanto, um exemplo de resistência que precisa e merece ter sua história e desafios relatados.

Por meio da trajetória de Luiz Sacopã – filho do homem que demarcou o território nesse estudo analisado, visamos trazer à tona o debate acerca da importância de modos de vida distintos, ainda que em bairros majoritariamente ocupados por mansões e condomínios de luxo no Rio de Janeiro, subvertendo a ideia historicamente produzida e fundamentada de que esse espaço não pode ser ocupado também por quilombos e favelas. Com isso, a pesquisa evidencia que, diferente do que os especuladores trabalham em prol, a Zona Sul é um lugar de culturas diversas, e não somente uma homogeneidade cultural e uma região socioeconomicamente favorecida.

2. Objetivo

A partir da análise da história de luta e formação do Quilombo Sacopã, a pesquisa tem como objetivo centralizar a liderança do Luiz Sacopã, que, em suas palavras, é um verdadeiro arquivo, por ter nascido e vivido no que hoje conhecemos como Quilombo Sacopã, refletindo sobre a importância da figura dele no movimento de preservação da ancestralidade de quilombos urbanos no Rio de Janeiro. Luiz foi precursor na busca por regulamentação do território como espaço quilombola, sendo a figura familiar responsável pela luta por

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

preservação ambiental, conquista de políticas públicas para terras quilombolas e luta pela implementação de legislações favoráveis aos quilombos. Essa pesquisa pretende ainda discutir o papel fundamental da cultura quilombola como parte da cultura nacional, ampliando a reflexão da urgência do reconhecimento e da valorização das comunidades tradicionais do Brasil.

3. Justificativa

A presente pesquisa é de extrema relevância para entender as estratégias de especulação — legais (3.1), ambientais (3.2) e culturais (3.3), em paralelo à relação que os Sacopã têm com o território físico na prática, que não só garante recursos para sua subsistência, mas que faz parte da comunidade como um igual.

3.1. Meios Legais

Segundo a Constituição de 1988, conforme o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), é reconhecido pelo Estado Brasileiro o direito das comunidades quilombolas às terras que tradicionalmente ocupam (Constituição Federal, 1988). O processo é regulamentado pelo Decreto nº 4.887/2003, que detalha as etapas de reconhecimento e titulação, mas enfrenta desafios como burocracia, conflitos fundiários e tentativas de retrocesso político. Essa legislação representa um avanço na reparação histórica às comunidades afrodescendentes no Brasil. Esse artigo também garante:

1. *Propriedade Definitiva: As comunidades quilombolas têm direito à posse permanente das terras que ocupam.*
2. *Titulação pelo Estado: O Estado deve identificar, delimitar e emitir títulos de propriedade, que são coletivos, inalienáveis e imprescritíveis*
3. *Preservação Cultural: O reconhecimento das terras quilombolas também visa*

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

proteger a identidade cultural e histórica dessas comunidades.

A comunidade quilombola do Sacopã, composta pela família Pinto, está situada na Ladeira Sacopã, nº 250, ocupando uma área de aproximadamente 6.404,17 m². Essa comunidade é reconhecida como remanescente de quilombo, conforme o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988 (Constituição Federal, 1988).

No entanto, esse espaço é constantemente violado pelos especuladores que mantêm uma visão ocidentalizada de modernização a qualquer custo e a custo de qualquer um. Em 2000, foi criado o Parque Natural Municipal José Guilherme Merchior, que sobrepõe parte do território tradicionalmente ocupado pela comunidade do Sacopã. Essa sobreposição gerou um conflito entre a necessidade de preservação ambiental e os direitos territoriais da comunidade quilombola.

Diversas vezes imobiliárias entraram com pedido de reintegração de posse ou invadiram a propriedade. Para entrar com um processo de reintegração de posse você deve ter o mínimo de provas, como uma escritura, para então acusar alguém de estar invadindo a sua propriedade. O que acontece é que em uma vez específica (há cerca de 5 anos atrás), a justiça acolheu o pedido sem a imobiliária apresentar nada que comprovasse o que estava sendo alegado. Esse momento, que felizmente não culminou na expropriação do território Sacopã, leva a questionar como o espaço urbano é pensado para certos grupos e não para outros, e como o judiciário acaba contribuindo com essa narrativa.

Para os Sacopã, a luta contra o apagamento tornou-se rotina. Ao longo das conversas sobre a relação com os demais residentes da Lagoa, Luiz relatou diversos momentos de conflito com moradores do bairro, que direta ou indiretamente prejudicam a permanência da família Sacopã lá.

Um exemplo desses conflitos, que deixou o território permanentemente marcado, foi a

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

instalação de um paralelepípedo na entrada do quilombo sem a autorização da liderança Sacopã, sob a justificativa de que aquele espaço não possuía a documentação adequada, e, portanto, não era reconhecido como pertencente aos quilombolas.

A especulação imobiliária iniciou uma obra de modernização do espaço físico de quilombo na expectativa de construir, posteriormente, um condomínio de luxo que se parecesse com as demais construções da região. Diante dessa situação, Luiz questionou a realização da obra, apontando a invasão do território, sendo ironicamente respondido com a seguinte frase: *“vá então atrás dos seus direitos”*. Todavia, nas palavras de Luiz, isso de pouco adianta, pois o *“sistema judiciário é uma grande máfia; existe um grande corporativismo dentro de lá. A justiça não foi feita para nós, pobre e preto”*.

Infelizmente, a frase de Luiz não parte do nada; esse sistema não foi pensado para atender os direitos de minorias representativas como os quilombolas. O judiciário brasileiro, na prática, tende a perpetuar os preconceitos que fundamentaram, inclusive, a construção dele. O racismo, combinado a inferiorização do modo de vida quilombola a nível estrutural, faz com que as decisões tomadas institucionalmente perpetuem as desigualdades já existentes. Quando o rico invade e constrói, é interpretado como modernização; quando o quilombo resiste em um espaço que é seu por direito, uns veem como ‘perda’ de um espaço, como um ‘impedimento’ ao desenvolvimento da região. Luiz sabe que entrar na justiça é, por vezes, como jogar um jogo ensaiado, onde quem detém o poder dita as regras, e os povos tradicionais tendem a sair perdendo. Como bem elaborado por Antônio Bispo dos Santos (2023):

"[...] hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os territórios, símbolos e significações dos nossos modos de vida."

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com



Imagem 1: Foto de uma das entrevistas com Luiz Sacopã. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.



Imagem 2: Foto do paralelepípedo colocado na entrada do Quilombo. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

3.2. Meios Ambientais

Ao decorrer das entrevistas, Luiz descreve a relação com o ambiente do quilombo como fundamental para o desenvolvimento de uma consciência política de preservação e luta pelos direitos quilombolas. Segundo ele, crescer rodeado pela fauna e pela flora do Quilombo Sacopã fortalece o processo de pessoalização do espaço físico e fomenta a necessidade de defendê-lo como se defende a vida, pois a terra para os quilombolas (assim como para os indígenas) não é apenas um recurso, mas um ente sagrado, que é integrado a sua tradição e é parte fundamental da sua identidade coletiva.

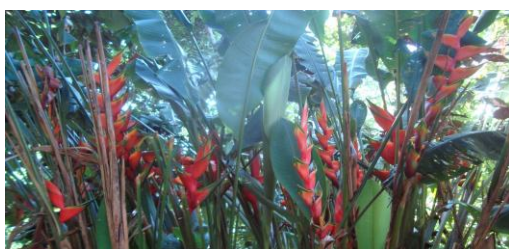


Imagem 3: Flor Helicônia. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

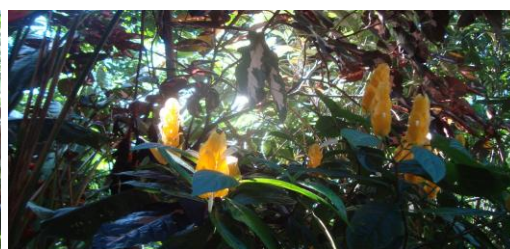


Imagem 4: Flor popularmente conhecida como “camarão-amarelo”. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Em contrapartida, para os especuladores, a terra não é vista como parte integrada à cultura e ao território, mas meramente como algo submisso, servindo um propósito apenas de

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

suprir as necessidades humanas. Essa submissão da natureza ao ser humano é resultado de um processo de ocidentalização que diferencia fundamentalmente a natureza das pessoas. A noção de natureza como produto a ser explorado foi importada e implementada forçosamente na sociedade brasileira, de modo a produzir um estranhamento em relação às comunidades que vivem com ela como parte do próprio povo, segundo Ailton Krenak (2019). Para os quilombolas do Sacopã, a terra não é uma mercadoria, mas uma parte do legado a ser preservado.

Desse modo, o *modus operandi* dos quilombos é a preservação cultural por meio das manifestações, culinária, agricultura e a relação com o meio ambiente. Diante do vasto território e da localização em um espaço elitizado, altas ofertas em dinheiro já foram feitas aos Sacopã para compra do terreno, ofertas que custeariam um espaço até nos bairros mais caros da Zona Sul do Rio de Janeiro, mas, nas próprias palavras do Luiz Sacopã: *“uma cobertura do Leblon nunca teria a essência do Quilombo Sacopã, sem o ar puro, o clima ameno, sem as rodas de samba, sem os animais como nossa cobra Margot e nossos micos, o fogão a lenha...”*

Ademais, as estratégias de especulação também utilizam dos meios naturais. O lençol freático do território do quilombo foi contaminado pelo esgoto de alguns condomínios ao redor, o que tornou a água imprópria para o consumo por pelo menos 20 anos. Foi avaliada a situação por um geólogo, e para a descontaminação exigiria muito dinheiro, então eles deixaram de lado e estão pagando água no momento. Antes, essa água era usada para o consumo, porém hoje em dia só pode ser usada para lavar chão e roupa.

Durante as entrevistas com Luiz, por se localizar em uma ladeira, indagamos sobre possíveis dificuldades relacionadas à chuva. O retorno recebido foi que, por vezes, o esgoto dos condomínios ao redor escoava pelo território do quilombo em momentos de chuva muito forte, o que produz certo dano à vida natural que habita ali. Essa informação, em contraponto à construção de um parque que sobrepõe o território Sacopã sob a justificativa de preservação leva a refletir sobre a necessidade sistêmica de repensar nossa relação com a natureza e sua

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

preservação, olhando diretamente para os povos tradicionais como fonte de sabedoria essencial nessa questão. Nas palavras de Malcom Ferdinand (2022), pensador atual francês e ativista ambiental:

"[...] Não devemos olhar as experiências quilombolas e indígenas de maneira extrativista, como se disséssemos 'vocês têm algo que podemos usar', sem, antes de mais nada, reconhecer seus direitos, suas vozes, sua História e as injustiças que eles sofrem. Esses povos criaram cosmogonias que não conhecem a divisão moderna entre natureza e cultura. Consequentemente, seus modos de habitar a terra não são tão destrutivos quanto aqueles forjados pelo dualismo moderno. Pelo contrário: são formas de resistência ao capitalismo e à dominação colonial que ainda move governos e multinacionais. Estamos vivendo um momento bizarro. Queremos preservar a 'natureza', a floresta amazônica e limitar o aquecimento global enquanto continuamos invisibilizando os direitos de quilombolas e povos indígenas. Mas seria ingênuo celebrar as práticas ecológicas desses povos sem combater o racismo, a desigualdade de gênero e o capitalismo [...]"



Imagem 5: Foto da nascente contaminada. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

3.3. Meios Culturais

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

Dentre as estratégias de apagamento utilizadas pela especulação, a ameaça à cultura aparece como uma forma de reforçar a existência de uma distância entre os quilombolas e os demais residentes da Lagoa. Como disse Luiz Sacopã em uma das nossas conversas:

“Estamos em um lugar onde o branco não acha que nos pertence. Para eles, pra estar aqui precisa ter dinheiro e quem tem dinheiro é preto? Não. Argumentam que estamos em uma área de risco, mas se você tirasse o ‘s’, ficava área de rico. Somos invisibilizados, e quando não somos, somos suspeitos”.

Uma das problemáticas trazidas por Luiz é a proibição da feijoada por parte dos moradores da rua Sacopã. Eles alegam que o evento atrapalha a vizinhança e que fica até tarde fazendo barulho, perturbando a paz do local. Todavia, no mesmo dia de uma das feijoadas promovida pelo quilombo, estava acontecendo, concomitantemente, um outro evento em um dos condomínios vizinhos, que fazia tanto barulho quanto a feijoada e isso não pareceu uma problemática, uma deturpação da ordem para os outros moradores do entorno. Isso evidencia que o problema dos moradores na rua Sacopã não é com o barulho em si, mas sim com as tradições culturais do quilombo que não alinham com as tradições que eles esperam que estejam presentes na região.

Sendo assim, os moradores do quilombo continuam exercendo suas manifestações culturais como forma de reforçar a ideia de que a Ladeira Sacopã não é apenas um lugar onde a cultura do branco é a única que deve prevalecer, mas sim um lugar em que também há uma cultura quilombola ativa e que não possui intenção alguma de se deixar sufocar pelo entorno. Segundo Abdias Nascimento (1980), quilombo é, para além da sua função inicial de acolher aqueles que conseguiam fugir da escravização no Brasil, também sobre esse movimento de solidariedade entre pessoas negras que se apoiam e resistem juntas. Dar continuidade aos eventos que promovem cultura no Quilombo Sacopã reforçam essa noção.

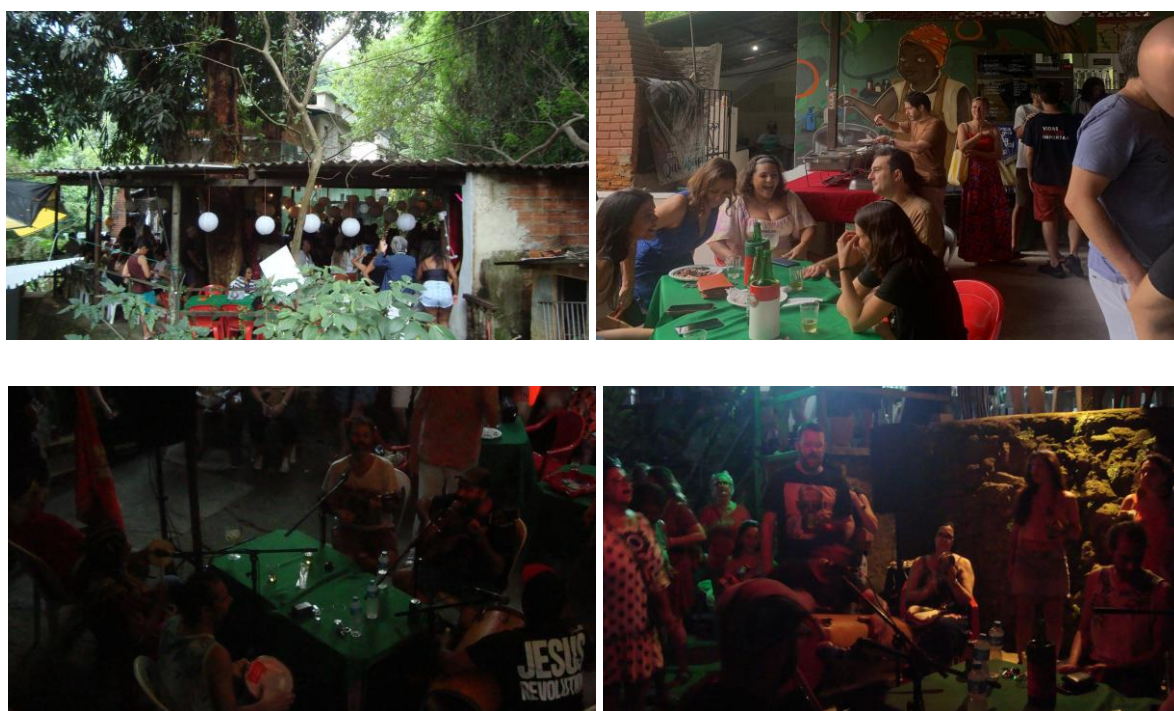
Além de manifestação cultural, a feijoada com roda de samba que acontece duas vezes ao mês também é uma fonte de renda essencial para o quilombo. A feijoada é conhecida entre

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

os moradores da Lagoa e outros bairros da região, e além da relevância cultural, também carrega a importância de dar luz à existência do quilombo. O samba é um meio de atrair as pessoas para o Quilombo Sacopã, fazendo com que elas contribuam financeiramente e ampliem também a visibilidade do local. Ainda que haja conflitos de interesse entre os quilombolas e os vizinhos, os encontros tradicionais que acontecem no quilombo contribuem para uma integração entre diferentes grupos em um mesmo local.



Imagens 7, 8, 9, 10: Fotos do evento de feijoada e samba mensal, no Quilombo Sacopã.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Ademais, nos últimos anos o Quilombo Sacopã tem realizado no dia 20 de novembro, feriado do Dia da Consciência Negra, uma feijoada com samba em comemoração, que também conta com roda de jongo e capoeira em integração com outros quilombos do Rio de Janeiro e

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: ana.nrevilo@gmail.com

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

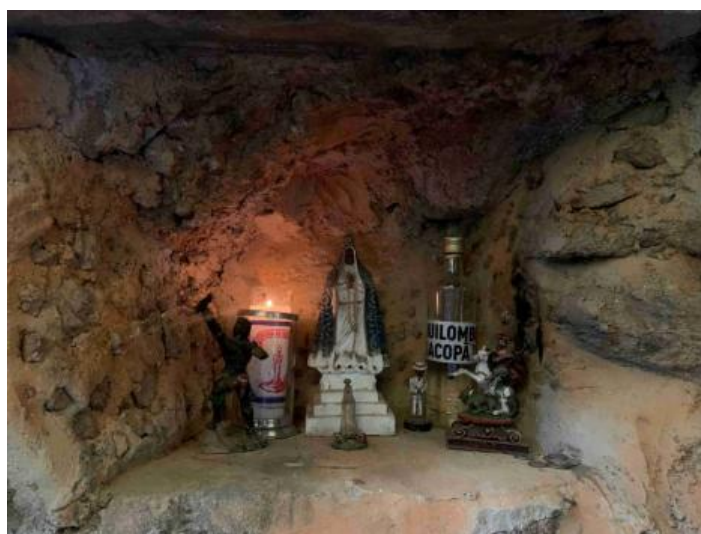
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

12

com a comunidade carioca em geral.



Imagens 11, 12, 13 e 14: Fotos do evento anual de Consciência Negra, dia 20 de novembro. Apresentação de jongo com o Quilombo Camorim. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.



¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: ana.nrevilo@gmail.com

Imagem 15: Foto de um altar religioso presente no local.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

4. Metodologia

Para realizar a pesquisa, fomos a campo fazer entrevistas com o líder quilombola Luiz Sacopã, por reconhecer a necessidade de escutar sua história de vida como elo primordial a compreensão da história do Quilombo como um todo. Ao desenvolver as entrevistas, buscamos trazer não só uma visão burocrática, como também uma visão carregada do sentimento e das vivências de seu cotidiano. Além disso, participamos em atividades promovidas pelo quilombo, através do engajamento em eventos culturais, como as feijoadas mensais e o evento de comemoração do dia 20 de novembro – Consciência Negra; além de idas semanais para conversas e acompanhamento da rotina da família Sacopã.

Na busca por uma análise mais contextualizada, fizemos uma revisão bibliográfica de documentos do território, notícias relacionadas ao Quilombo Sacopã e reportagens jornalísticas da situação do quilombo em diferentes épocas, contribuindo para um entendimento mais sofisticado do que trouxe a família Sacopã para sua situação atualmente. Além disso, foram utilizados outros trabalhos relacionados à regulamentação de terras quilombolas, especulação imobiliária e legislação quilombola para auxiliar na construção deste estudo.

Por fim, como forma de enriquecer a pesquisa, utilizamos a antropologia visual. Esse recurso aparece como um meio de garantir que, ao ler o estudo produzido, seja possível também observar o cenário no qual ele está acontecendo, e retratar de forma fidedigna a realidade Sacopã, principalmente porque suas maiores estratégias frente à especulação imobiliária são a preservação da fauna e flora do Quilombo, bem como os eventos culturais realizados no espaço, que são uma fonte financeira crucial para a manutenção do território.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

5. Apresentação dos Resultados

Com base nos diálogos com a família Sacopã, especialmente com Luiz, entende-se que a compreensão da história de formação, resistência e obstáculos enfrentados pelo quilombo não pode ser contada de forma isolada à trajetória de vida de seu líder, Luiz Sacopã. A partir do contato direto com Luiz, ouvindo as experiências que fortaleceram o seu interesse na defesa do Quilombo Sacopã, observa-se que sua influência enquanto liderança quilombola ultrapassa os limites do território Sacopã e chega de forma positiva em outros quilombos no Rio de Janeiro. Luiz já foi presidente da Associação Quilombola do Estado do Rio de Janeiro, que conta hoje com 57 quilombos.

Por ter sido filho caçula, desde jovem Luiz foi incentivado aos estudos, tornando-se o único do Quilombo Sacopã a ingressar na faculdade – no curso de direito. Para ele, a importância de passar pelo curso se deu pelo reconhecimento da necessidade de entender o funcionamento do sistema judiciário, em conjunto ao aprendizado de novos conceitos e direitos que nem mesmo sabia que possuía, para que os seus pudessem fortalecer sua resistência e permanência diante das tentativas externas de expulsão.

Foi no curso de direito, conversando com um professor, que Luiz descobriu que o território de sua família era quilombola, que ele poderia se autodeclarar quilombola e correr atrás de medidas para a proteção da terra, como o usucapião e/ou a titulação do território. Luiz primeiro tentou o usucapião. Na primeira audiência, a maioria do júri votou a favor do usucapião. Todavia, na segunda audiência foi votado de forma unânime contra o usucapião, fazendo com que o processo fosse arquivado para sempre. A partir disso, Luiz lutou por duas décadas pela titulação do quilombo.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com



Imagem 16: Foto do portão do Quilombo Sacopã.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.



Imagem 17: Foto da entrada do Quilombo Sacopã.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Depois de 20 anos de luta, no dia 29 de novembro de 2024, no encerramento do mês que celebra a Consciência Negra e o Dia Nacional do Zumbi, o presidente Luiz Inácio Lula da

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Contato: ana.nrevilo@gmail.com

Silva assinou uma série de políticas voltadas para a população quilombola e negra do Brasil (Governo Federal, 2024). Dentre essas políticas, está a beneficiação da titulação de quilombo a 15 comunidades quilombolas, sendo Sacopã uma delas.

A titulação de quilombo é de extrema importância no que diz respeito à segurança legal de que o espaço físico do quilombo é garantido. Desse modo, esse documento é uma forma de registrar um reconhecimento dos quilombolas Sacopã como dignos de serem vistos, e proprietários legítimos de um espaço que constitui também a sua identidade enquanto comunidade quilombola. Ao analisar a situação deste quilombamento, considerando sua localização, vizinhos e extensão territorial, fica evidente que Sacopã viveu sob ameaças constantes há muito tempo, tornando o reconhecimento legal uma forma de assegurar que, a partir de agora, ainda que os especuladores tentem comprá-lo, ainda que os vizinhos reprovem sua existência, o território pertence aos Sacopã. O esforço e a esperada chegada da titulação anteciparam uma comemoração em forma de roda de samba. Luiz falou emocionado sobre a conquista, refletindo sobretudo que o documento representa para toda a comunidade.

Em meio às idas e vindas da pesquisa, a concessão da titulação ao Quilombo Sacopã surgiu como um lembrete do reconhecimento e preservação de quilombos urbanos como imprescindível para a manutenção de uma identidade brasileira que não só reconhece como também protege e respeita todas as diferentes facetas de sua cultura. Durante as conversas com Luiz Sacopã, ouvindo seus relatos desde a infância, ficou evidente o trabalho e a força envolvidos no processo de resistir mediante às tentativas de extinção dos povos quilombolas na Zona Sul e em todo o estado do Rio de Janeiro. A titulação de quilombo, o reconhecimento a nível nacional e a segurança trazida por esses fatores é um sopro de esperança para os Sacopã e para outras comunidades quilombolas que ainda vivem sob risco e sem nenhum tipo de proteção jurídica.

Contudo, ainda que carregue uma importância gigantesca, a titulação não é o passo final para a preservação do Quilombo Sacopã. Depois dela, é necessário que se procure um

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

cartório para solicitar a emissão do RGI (Registro Geral de Imóveis), processo realizado por intermédio da defensoria pública pela falta de condições dos Sacopã, no momento. Atualmente, dadas as condições de permanência que os Sacopã têm enfrentado ao longo do tempo, nenhum dos núcleos da família possui uma documentação oficial de suas casas, devido à falta da escritura.

A burocracia envolvida no processo já era esperada, mas é incapaz de abalar a alegria da segurança promovida pela titulação. Por mais de uma vez, durante uma das entrevistas, Luiz Sacopã disse que *“ainda não caiu a ficha”*.

Ainda reconhecendo a importância desse momento, sabemos que não existe documentação capaz de apagar todo o racismo motivador de grande parte das dificuldades enfrentadas pelos Sacopã e por tantos outros quilombos urbanos que seguem na luta para garantia do direito de existir e permanecer. Comunidades quilombolas foram e ainda são instrumentos essenciais para preservar e acolher a história do povo negro, e devem ser valorizadas para além do direito à terra; que a luta continue pela dignidade de viver e resistir com respeito, estabilidade, acesso e os demais direitos que devem ser garantidos a todo cidadão do Brasil.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com



Imagens 18, 19 e 20: Fotos do espaço de eventos e celebrações realizadas no Quilombo Sacopã.

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

6. Referências Bibliográficas

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 1988.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAIA, Patrícia Mendonça Castro. Ladeira Sacopã, 250: um parque, um quilombo, um conflito socioambiental na Lagoa. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/11/presidente-lula-assina-decretos-que-desapropriam-areas-para-quilombos>. Acesso em: 30 nov. 2024.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com

Reconhecimento e proteção das comunidades quilombolas. set. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/noticias/2024/09/reconhecimento-e-protecao-das-comunidades-quilombolas>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RODRIGUES, Jéssica. Quilombo Sacopã: símbolo de resistência da natureza e ancestralidade no Rio de Janeiro. Brasil de Fato, 11 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/11/quilombo-sacopa-simbolo-de-resistencia-da-natureza-e-ancestralidade-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 24 out. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TORRES, Livia; SOARES, Jorge; LIMA, Marcos Serra. Quilombo Sacopã resiste há 105 anos em meio a prédios e mansões na Lagoa. G1, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/11/quilombo-sacopa-simbolo-de-resistencia-da-natureza-e-ancestralidade-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 24 out. 2024.

YABETA, Diogo. Quilombo Sacopã. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://youtu.be/mtf1fzmLLkQ?si=EC4YIN9II-K9VRD7>. Acesso em: 24 out. 2024.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: luizamoreiracabral.uerj@gmail.com

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: casemiroliza@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: ana.nrevilo@gmail.com